



INSTITUTO
SUPERIOR
DE ANGOLA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**IMPACTO DO ASSÉDIO SEXUAL NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM NOS ALUNOS DA 9ª CLASSE**

(CASO DO COMPLEXO ESCOLAR N.º 4015 - BOA ESPERANÇA, CACUACO)

ANO LECTIVO 2023-2024

Autora: Dionísia da Conceição Chicunga

Orientadora: Msc. Madalena Nascente Cardoso João

ICOLA E BONGO, 2025

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**IMPACTO DO ASSÉDIO SEXUAL NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM NOS ALUNOS DA 9ª CLASSE**

(CASO DO COMPLEXO ESCOLAR N.º 4015 - BOA ESPERANÇA, CACUACO)

ANO LECTIVO 2023-2024

Trabalho do Fim do Curso apresentado ao Instituto Superior de Angola, como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em pedagogia, sob orientação da Msc. Madalena Nascente Cardoso João

Autora: Dionísia da Conceição Chicunga

ICOLO E BONGO, 2025

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**IMPACTO DO ASSÉDIO SEXUAL NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM NOS ALUNOS DA 9ª CLASSE**
(CASO DO COMPLEXO ESCOLAR N.º 4015 - BOA ESPERANÇA, CACUACO)
ANO LECTIVO 2023-2024

O JÚRI

1- Presidente _____

2- 1º Vogal _____

3- 2º Vogal _____

4- Secretário _____

CLASSIFICAÇÃO: _____

Data da monografia ____/____/____

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Manuel Chicunga pelo seu apoio incondicional e por ser a minha fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

A Deus todo-poderoso, sobretudo àquele que Ele usou para que fosse o meu reforço nesta formação o meu querido pai.

Aos meus pais Manuel Chicunga e Celeste da Conceição que tanto me apoiaram durante o percurso todo da minha formação.

À minha família, meus irmãos, a Cecília, Zequinha, Nelinha que também me apoiaram ao longo da minha formação com palavras e gestos de incentivo e coragem.

A minha orientadora professor Msc. Madalena Nascente Cardoso João por ter aceite o meu pedido para orientar-me no processo da elaboração do presente trabalho de fim de curso (TFC).

A todos os professores do Instituto Superior de Angola (ISA), do curso de Pedagogia em especial a professora Msc. Madalena Nascente Cardoso João pelos ensinamentos e por ter cultivado em mim o espírito académico dando-me plena confiança para que eu também pudesse acreditar em mim.

Ao professor Lic. Gomes Moreira Engrácia, pela paciência e entrega total na conclusão deste trabalho

Ao Instituto Superior de Angola (ISA), por me ter acolhido e dado a oportunidade de estudar e concluir o curso de licenciatura em pedagogia.

Ao participantes da escola 4015 que me permitiram fazer a presente pesquisa e pela sua colaboração.

Aos meus colegas da batalha a Beatriz Tulumba, Helena Calave e o Manengo pelos momentos vividos juntos.

A todos o meu muito obrigado pela força que me transmitiram de forma directa e indirecta.

RESUMO

O presente Trabalho tem como tema: Impacto do assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da 9ª classe no complexo escolar n.º 4015 em Cacuaco. Optou-se pelas pesquisas bibliográfica e de campo com uma abordagem qualitativa. Tem como problema: Qual é o impacto do assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da 9ª classe do complexo escolar n.º 4015 em Cacuaco? Objectivo geral: Analisar o impacto do assédio sexual no processo de ensino - aprendizagem dos alunos da 9ª Classe do Complexo Escolar n.º 4015. Objectivos específicos: Identificar os factores que estão na base do assédio sexual nos alunos e professores do Complexo Escolar n.º 4015; Mencionar o impacto do assédio sexual nos alunos e professores do complexo escolar n.º 4015; Descrever as estratégias utilizadas para combater o assédio sexual no Complexo Escolar n.º 4015; Contribuir com sugestões para combater o assédio sexual Complexo Escolar n.º 4015-Boa Esperança. Amostra 12 intervenientes. Conclui-se que: factores como sociais, culturais, económicos e individuais estão na base do assédio sexual nos alunos; o assédio sexual tem um impacto negativo visto que, afecta directamente na relação com os colegas e na sua aprendizagem que pode vir a repercutir-se na sua reprovação. Sugere-se: Aos gestores: que implementem programas de conscientização sobre o assédio sexual, destacando a importância do respeito e consentimento. Aos professores: que orientem os alunos sobre sexualidade onde poderão ensinar sobre o corpo, consentimento e diferenças entre carinho e abuso; Aos alunos: que evitem ficar sozinho com o assediador já identificados;

Palavras-chave: Impacto. Assédio sexual. Ensino-aprendizagem. Aluno

ABSTRACT

The present work has as its theme: Impact of sexual harassment on the teaching-learning process in 9th grade students in school complex no. 4015 in Cacuco. Bibliographic and field research with a qualitative approach was chosen. Its problem is: What is the impact of sexual harassment on the teaching-learning process in 9th grade students of school complex No. 4015 in Cacuco? General objective: To analyze the impact of sexual harassment on the teaching-learning process of students of the 9th Grade of the School Complex No. 4015. Specific objectives: To identify the factors that are at the root of sexual harassment in students and teachers of School Complex No. 4015; Mention the impact of sexual harassment on students and teachers of school complex no. 4015; Describe the strategies used to combat sexual harassment in School Complex No. 4015; Contribute with suggestions to combat sexual harassment School Complex No. 4015-Boa Esperança. Sample 12 participants. It is concluded that: social, cultural, economic and individual factors are at the basis of sexual harassment in students; Sexual harassment has a negative impact as it directly affects the relationship with colleagues and their learning, which can have an impact on their failure. It is suggested: To managers: that they implement awareness programs on sexual harassment, highlighting the importance of respect and consent. To teachers: to guide students about sexuality where they can teach about the body, consent and differences between affection and abuse; To the students: to avoid being alone with the harasser already identified;

Keywords: Impact. Sexual harassment. Teaching-learning. Pupil

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPITULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	6
1.1-.... Definição de conceitos.....	6
1.1.1-....Impacto.....	6
1.1.2-.... Assédio sexual.....	6
1.1.3- . Ensino – Aprendizagem.....	7
1.1.4-..Alunos.....	8
1.2-.... Breve Historial Sobre o Assédio Sexual.....	8
1.3-....Assédio sexual no ordenamento jurídico angolano.....	9
1.4-.... Assédio moral no ensino.....	11
1.5-..... Assédio sexual no contexto escolar.....	12
1.5.1-....Tipos de abuso e assédio sexual no contexto escolar.....	13
1.5.2-.... Formas verbais e físico de abuso.....	14
1.6-... Educação sexual na escola.....	14
1.7-..... O papel do professor na educação sexual dos alunos.....	17
1.8-..... O papel da educação sexual dos seus filhos.....	19
1.9-..... Causas e consequências do assédio sexual no contexto escolar.....	22
1.9.1- Causas do assédio sexual.....	22
1.9.2- Consequências do assédio sexual.....	23
1.9.3- ..Consequências psicológicas na mulher vítima de assédio sexual.....	25
1.9.4-..... Os factores que influenciam na intensidade das consequências:...	26
1.10- Prevenção e combate do assédio sexual nas escolas.....	27
CAPITULO II: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	28
2.1- .Tipo (s) de Pesquisa.....	28
2.1.1-....Pesquisa bibliográfica.....	28

2.1.2-Pesquisa de Campo.....	28
2.2-Modelos de abordagem.....	29
2.3-...Níveis de estruturação dos métodos.....	29
2.4-...Técnicas de recolha de dados.....	30
2.5- Instrumentos e procedimentos de recolha de dados.....	31
2.6-... População e Amostra.....	32
2.7-.... Dificuldades encontradas.....	33
CAPÍTULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	35
3.1-.... Apresentação e interpretação dos resultados.....	35
3.2- Apresentação dos resultados da entrevista dirigido aos membros da direcção da escola.....	35
3.3-Apresentação dos resultados da entrevista dirigido aos professores.....	37
3.4-....Apresentação dos resultados da entrevista dirigido aos alunos.....	40
3.5- Apresentação dos resultados da pesquisa em função dos objectivos específicos.....	42
CONCLUSÕES.....	44
SUGESTÕES.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIGRAFICAS.....	46
APÊNDICES	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa abordar sobre Impacto do assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da 9ª classe caso concreto do complexo escolar n.º 4015 em Cacuaco.

Sabe-se que a situação do assédio sexual não é um fenómeno recente nas instituições públicas, privadas e público-privadas, sejam elas escolares ou de outra índole, mas o tratamento do mesmo deixa muito a desejar assim como, os mecanismos de denúncia são pouco visíveis provavelmente por causa do medo de ser conotado/a, reprovar no caso de alunos, perder o emprego ou ser despromovido do cargo.

Lamentavelmente tal prática também acontece nas escolas onde o professor é considerado como o segundo pai da criança, pois ao professor é incumbida a nobre missão de velar pela instrução e educação dos futuros do amanhã.

No entanto, aceitar o assédio sexual no contexto escolar pode-se tornar num dos factores que contribui para a desacreditação do processo de ensino/aprendizagem.

De acordo com Artur (2003), a sexualidade na escola não depende da existência de uma disciplina de educação sexual, pois ela se expressa independentemente dos discursos em cada sujeito. Neste processo, o educador é responsável por formar, informar, debater, investigar, promover e reflectir sobre vários temas, bem como possibilitar a ampliação do conhecimento do aluno a respeito das diferenças culturais e valores existentes nos vários grupos sociais.

A educação sexual consiste no direito de toda pessoa de receber as informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual, assim como, de expressar sentimentos, rever tabus, reflectir e debater valores sobre tudo que está ligado a sexualidade.

De um ponto de vista genérico, o assédio pode ser de tipo sexual ou moral, tratando-se de um conjunto de comportamentos percebidos como abusivos com

o objectivo de intimidar, coagir ou ameaçar a dignidade de outra (s) pessoa (s), não se confundindo com sedução consentida ou com uma discussão profissional.

A escola tal como qualquer outra organização ou instituição, está vulnerável a uma ordem e ideologia de género que reproduz desigualdades entre homens e mulheres. Esta vulnerabilidade às desigualdades de género é um factor fundamental para a promoção das situações de assédio sexual, porque permitem a desvalorização simbólica e objectiva do lugar ocupado pelas mulheres. Por outro, a natureza hierárquica da organização do mundo escolar potencia situações de assédio sexual.

O assédio sexual no contexto escolar como uma das formas mais repugnantes de atentado à dignidade humana e não pode ser desvinculado das formas mais genéricas de desigualdade de acesso a recursos, poderes e prestígio.

Contudo, o assédio sexual na escola acontece em idades da adolescência, traduzindo – se por um conjunto de comportamentos indesejados, percebidos como abusivo podendo incluir tentativas de contacto físico perturbador, pedidos de favores sexuais com o objectivo de obter vantagens, chantagem e mesmo de força ou ainda estratégias de coacção da vontade da pessoa que pratica o assédio sexual.

O assédio tem como objectivo diminuir a auto-estima da pessoa alvo e, em última instância pôr em causa a sua ligação à escola. As vítimas são envolvidas em situações perante as quais têm dificuldades em defender-se.

O medo de sair do anonimato e das consequências de acusar um professor faz com que a maioria dos casos de assédio sexual nas escolas não seja reportada.

Este fenómeno cria desequilíbrio na vida dos adolescentes, por isso, preocupou-nos analisar as causas que estão na base do mesmo. Por outra, este problema, tem alarmado os gestores, professores, encarregados de educação e todos os intervenientes do processo de ensino – aprendizagem.

Diante deste quadro levantamos as seguintes questões de partida:

Qual é o impacto do assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da 9ª classe do complexo escolar nº 4015- Boa Esperança, Cacuaco?

Que estratégias tem sido utilizadas para combater o assédio sexual nos alunos da 9ª classe do complexo escolar nº 4015 - Boa Esperança, Cacuaco?

Objectivos da pesquisa

Os objectivos orientam o processo da investigação, são guias do estudo, devem formular-se com clareza e de maneira realista, quer dizer, susceptível de serem alcançados (Minayo, 2008).

A realização do estudo em causa, leva-nos a atingir determinadas metas, nisto traçou-se os seguintes objectivos:

Objectivo geral:

- Analisar o impacto do assédio sexual no processo de ensino - aprendizagem dos alunos da 9ª Classe do Complexo Escolar n.º 4015 - Boa Esperança no município de Cacuaco.

Objectivos específicos:

- 1- Identificar os factores que estão na base do assédio sexual nos alunos e professores do Complexo Escolar n.º 4015;
- 2- Mencionar o impacto do assédio sexual nos alunos e professores do complexo escolar n.º 4015;
- 3- Descrever as estratégias utilizadas para combater o assédio sexual no Complexo Escolar n.º 4015;
- 4- Contribuir com sugestões para combater o assédio sexual Complexo Escolar n.º 4015 - Boa Esperança, município do Cacuaco.

Delimitação e limitação do estudo

a) Delimitação

Delimitou-se no Impacto do assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da 9ª classe.

Um estudo realizado no Complexo Escolar n.º 4015 - Boa Esperança, isto é, no município de Cacuaco.

b) Limitação

Limitou-se ao director, subdirector pedagógico, professores e alunos da escola em estudo.

Justificativa da escolha do tema

A escolha do tema surge em função da constatação de algumas lamentações sobretudo de algumas alunas que têm sofrido de assédio sexual em algumas escolas, e que têm sido prejudicadas no fim do ano lectivo, com a reprovação no caso de não cederem.

Por outro, justifica-se no facto de que o assédio sexual nas escolas acontece em idades da adolescência e que tem influenciado negativamente nos alunos e no descredito naquele que é tido como segundo pai para eles. Assim, percebe-se de forma mais clara que o assédio sexual também se trata de uma manifestação de uso abusivo de poder tornando a escola num lugar de vulnerabilidade social por causa das relações de dependência que se cria.

Pretendemos com este estudo, contribuir com sugestões práticas acções que visam a evitar casos de assédio sexual na instituição de ensino nos alunos da 9ª classe.

A observação reiterada da existência de casos de assédio sexual no contexto escolar, associadas as reprovações propositadas sobretudo de alunas, bem como, ao surgimento de gravidezes na adolescência e, até de doenças sexualmente transmissíveis são aspectos que estão na base da presente investigação.

Portanto, a importância deste trabalho está em estimular a reflexão sobre o assédio sexual e incentivar discussões que contribuam para uma maior conscientização sobre condutas, atitudes e comportamentos que precisam ser repensados, não só nas organizações do trabalho, mas também nas instituições de

ensino. Tais comportamentos devem ser inaceitáveis, principalmente quando a formação de futuros cidadãos deveria ser a razão de existir dessas instituições. Questionamo-nos se seria possível ter um processo educacional emancipatório quando o papel do principal actor, no caso o professor, é levado aos alunos a partir de humilhações e constrangimento.

Desta forma, como futuras professoras, é interessante estudar este tema na medida que abordará questões pertinentes relacionada com o assédio sexual na aprendizagem dos alunos da 9ª classe.

Estrutura do trabalho

O presente trabalho está constituído por (3) três capítulos, nomeadamente: No primeiro capítulo, o destaque recai para a fundamentação teórica onde procedeu-se a definição de termos e conceito das palavras-chave segundo os autores consultados.

No segundo capítulo, tratamos da metodologia para a realização do estudo, tipo de pesquisa, tipo de abordagem, métodos e os procedimentos as dificuldades encontradas.

No terceiro e último capítulo, apresentamos o resultado da análise e interpretação da pesquisa, as conclusões, sugestões, referência bibliográfica e por fim os apêndices e os anexos que dão sustentabilidade ao trabalho.

CAPITULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

1.1- Definição de conceitos

Antes de apresentar os fundamentos teóricos, percebeu-se ser pertinente a definição de termos e conceitos que facilitaram a compreensão do tema em estudo.

Neste capítulo, achamos por bem definirmos as palavras-chave que compõem estudo, tais como: Impacto, assédio sexual, ensino-aprendizagem e aluno, baseando-se em autores que deram contributo em relação ao assunto em estudo.

1.1.1- Impacto

Segundo o dicionário com que sonhamos (2019, s/p) Impacto *“é considerado como último elo na chamada cadeia de resultados, que relaciona os inputs de uma intervenção de desenvolvimento com os seus resultados de médio e longo prazo”*

Na visão de Tavares e Camacho (2011, p. 343), impacto refere-se a *“choque violento e embate”*.

Impacto, é a perturbação intensa, o que produz um efeito muito forte em abalo, consequências de uma acção, geralmente humana, para o meio ambiente. Dicio.com.br./impacto/.

Entende-se por impacto os resultados das acções humanas ou de fenómenos, tanto acções positivos como negativas, primários e secundários, produzidos por uma intervenção de desenvolvimento, previstos ou não.

1.1.2- Assédio sexual

Segundo Santos (2008), Assédio sexual pode ser definido como avanços de carácter sexual, não aceitáveis e não requeridos, favores sexuais ou contactos verbais ou físicos que criam uma atmosfera ofensiva e hostil.

Por sua vez, Segura (2005), defende que assédio sexual é o acto de constranger alguém, com o intuito de obter vantagens ou favorecimento sexual, favorecendo – se da sua condição de superior hierárquico.

Na perspectiva de Vaz (2006) assédio sexual é a “ acção que consiste em molestar ou atacar sexualmente uma rapariga na escola protagonizado por professores ou outros funcionários da escola, em troca de benefícios materiais, nota para passar, matrícula, entre outros.

Percebe-se como assédio sexual ao conjunto de comportamentos indesejados, percebidos como abusivos de natureza física, verbal ou não verbal, podendo incluir tentativas de contacto físico perturbador, pedidos de favores sexuais com o objectivo ou efeito de obter vantagens, chantagem e mesmo uso de força ou estratégias de coacção da vontade da outra pessoa.

1.1.3- Ensino – Aprendizagem

Ensino-Aprendizagem Etimologicamente “ensinar, é colocar dentro, gravar no espírito”. A concepção da escola nova “ensinar é criar condições de aprendizagem”. A aprendizagem “é um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir” (Piletti, 2004).

Libânio (2006), define o processo de ensino-aprendizagem como sendo “o conjunto de tarefas realizadas de forma bilateral entre o professor e o aluno, tendo em conta a apreensão de conhecimentos, bem como o desenvolvimento de certas habilidades”

Ensino e aprendizagem, *são entendidos a partir de então como indissociáveis e os métodos de ensino passam a ser associados a um processo que envolve cuidado nos critérios de seleção de conteúdos e, encontram-se ligados à avaliação* (Vilelas, 2009, p. 85).

Percebe-se como ensino aprendizagem ao conjunto de transformações que ocorrem no indivíduo com objectivo de potencia-lo para a sua participação directa na vida. Considerando os dizeres de Piletti, hoje, ensinar não pressupõe a transferência de conhecimentos do aluno ao professor, mas sim, criar um ambiente favorável para que ocorra a aprendizagem de forma efectiva e significativa, considerando os conhecimentos prévios que o aluno carrega.

1.1.4- Alunos

Para Zabala (2010), aluno é uma componente pessoal do processo de ensino aprendizagem, que recebe formação e instrução de um ou vários professores para adquirir ou ampliar os seus conhecimentos.

O dicionário Infopédia de língua portuguesa (2003), define o aluno como a pessoa que recebe instrução de um mestre, é um receptor, discípulo, aprendiz e educando.

Camacho e Tavares (2011), corroboram desta afirmação quando se referem ao aluno como “o aprendiz que recebe instrução de outrem”.

Entende-se por aluno como aquele que recebe orientações de um ou mais professores, num determinado estabelecimento de ensino a fim de aumentar os conhecimentos.

1.2- Breve Historial Sobre o Assédio Sexual

A bibliografia consultada ressalta que o assédio sexual vem sido abordado desde os tempos remotos. Embora esse termo seja relativamente recente, podendo dizer-se que começa a ser utilizado nos anos de 1970, as experiências a que este se refere são bem mais antigas. Encontram-se nos livros e artigos sobre assédio sexual e os primeiros registos referem-se a mulheres como se pode ler: “no contexto académico, os primeiros surgem no âmbito da literatura dos estudos sobre as mulheres, de género e feministas embora no direito e noutras áreas científicas o tema seja também abordado” (Osório, 2007).

Esses registos referem-se a um esforço repetitivo de desqualificação de uma pessoa por outra, podendo conduzir ou não ao assédio sexual. Mas foi em 1980 que surgiu um primeiro estudo sobre o assunto, desenvolvido pelo sueco Heinz Leymann, pesquisador em psicologia do trabalho.

Essa pesquisa envolveu diferentes categorias profissionais durante vários anos e levou por um lado à identificação de um certo tipo de comportamento violento, denominado “psicoterror” Leymann, citado por Osório (2007), por outro, concluiu que a “exposição a essas formas de violência gerava quadros de síndrome

de stress pós-traumático, sendo que 95% das vítimas apresentavam esses sintomas”.

O autor assume a preferência pelo termo mobbing relativamente a bullying por considerar “que o último supõe mais agressão física e ameaça, afirmando que a violência física no local de trabalho seria mais rara”. Mobbing em contrapartida, na sua perspectiva, pode ser caracterizado por «comportamentos mais sofisticados como, por exemplo, o isolamento da vítima».

No entanto, foi os EUA, um dos primeiros países a tomar dianteira na denúncia do assédio sexual. As denúncias do movimento feminista desde meados dos anos de 1970 criou um forte protagonismo ao nível judiciário e a maior tradição de litigância em casos julgados em tribunal que serviram de exemplo para 18 organizações e empresas assumirem mais rapidamente códigos de ética para prevenir estas práticas.

De acordo com a UNESCO (2014), o assédio sexual da mulher no ambiente educacional tem se destacado nos últimos anos, manifestando-se em agressões a alunas dentro da escola e no percurso escola – casa, elas são humilhadas, gozadas, difamadas e ameaçadas maioritariamente por alunos mais velhos e em outros casos, são alvo de propostas sexuais por parte dos professores em troca de notas, e são até violadas dentro das escolas.

1.3- Assédio sexual no ordenamento jurídico angolano

Desde a sua proclamação como Estado soberano e independente (cf. art. 1.º da CRA), em 11 de Novembro de 1975 — e após um profundo mergulho em guerra civil que perdurou quase três décadas de retrocesso —, Angola tem apresentado uma significativa evolução, no que concerne ao quadro geral do sistema de justiça e do direito.

Este progresso pode facilmente ser constatado a partir de uma breve observação nas disposições consagradas pela Constituição de 2010 — a mais alta representação do comprometimento da República de Angola com os valores e princípios fundamentais da independência, soberania e unidade do Estado democrático de direito — e por outros diplomas legais subsequentes, em matéria de

protecção dos direitos, liberdades e garantias fundamentais e dos direitos e deveres económicos, sociais e culturais.

A CRA consagra, na categoria dos princípios gerais atinentes aos direitos e deveres fundamentais, o princípio da igualdade (n.º 1 do art. 23.º) e não discriminação (n.º 2 do art. 23.º), dispondo expressamente que “todos são iguais perante a Constituição e a lei”;

Dada a relevância dos bens jurídicos em causa aquando da sua ocorrência no âmbito das relações de trabalho, o assédio sexual tem merecido especial cuidado e atenção por parte da legislação penal, no sentido da sua criminalização. Embora esta não seja já uma realidade angolana, uma vez que nem o Código Penal actualmente em vigor, nem sequer legislação penal avulsa contempla a sua tutela, tudo nos leva a crer que é uma realidade que está preste a mudar.

Reunidos a 23 de Fevereiro do corrente ano, o Plenário da Assembleia Nacional da República de Angola aprovou na generalidade, na sua 4.ª Reunião Plenária Extraordinária da 5.ª Sessão Legislativa da III Legislatura, a Proposta de Lei que Aprova o Código Penal (doravante Proposta), que se encontra em discussão deste 2004.

Entre uma série de novidades, a Proposta contempla na sua parte especial, no título dos crimes contra as pessoas, um capítulo referente aos crimes sexuais. O capítulo é fraccionado em quatro secções, sendo que, na segunda, relativa aos crimes contra a liberdade sexual, encontra-se prevista a criminalização do assédio sexual (art. 174.º).

De acordo com o disposto no n.º 1 do artigo,

Quem, abusando de autoridade resultante de uma relação de dependência hierárquica ou de trabalho, procurar constranger outra pessoa a sofrer ou a praticar acto sexual, com o agente ou com outrem, por meio de ordem, ameaça, coacção, ou fraude, é punido com pena de prisão até 2 anos ou com a de multa até 240 dias.

Nos termos do n.º 2, a pena se agrava quando a vítima for menor, sendo de 1 a 2 anos de prisão ou de multa de 120 a 240 dias. A Proposta é actualmente tema de debate nas comissões.

1.4- Assédio moral v/s assédio sexual no ensino

Há em qualquer acto perverso algo parecido com o estupro, no sentido de que é importante que o outro seja arrastado contra a sua vontade numa experiência que se inscreve em falso com relação a todo um contexto (Vilar, 2009).

O auto exaltação desmensurada da individualidade na actualidade implica, de acordo com Wagner (2005), em uma crescente volatilização da solidariedade. A solidariedade pode ser considerada como o correlato das relações inter-humanas fundamentadas na alteridade e, para que isso ocorra, é necessário que o sujeito reconheça o outro na sua diferença e singularidade.

Contudo, o autor afirma que o que vem a caracterizar a subjectividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de admirar o outro em sua diferença, o que tem levado o sujeito a utilizar a violência para lidar com as diferenças e singularidades, ou recorrer à indiferença, que também pode ser considerada uma forma de violência.

O assédio articula-se dentro deste tema maior que a violência. Na ausência de projectos compartilhados, as relações podem-se tornar um campo fértil para manifestações de intolerância. Assim, intrigado com as questões relativas ao sofrimento no trabalho, Heinz Leymann desenvolveu, na década de 1980, pesquisas na Suécia, e associou o termo *mobbing* para designar a perseguição de um trabalhador pelos seus pares e/ou superiores.

Leymann citado por Wagner (2005), resgatou o termo *mobbing* dos estudos do etologista francês Konrad Lorenz sobre o comportamento agressivo de animais que ameaçavam outros membros, com o objectivo de expulsá-los. Actualmente este termo é utilizado para designar assédio.

Apesar de vários pesquisadores afirmarem que o assédio é tão antigo quanto o trabalho, foi a partir dos estudos de Leymann que as discussões sobre o tema foram ampliadas, ganhando espaço na mídia e na literatura (Freitas, Heloani, e Barreto citados por Frade e Baldé, 2021).

O assédio moral pode ser abordado no ambiente de trabalho sob a perspectiva de Hirigoyen (2010), e é definido como a conduta abusiva, manifestada

por gestos, palavras, comportamentos ou atitudes, que de alguma forma atingem a integridade psíquica ou física do indivíduo. Essa conduta se caracteriza por ser insidiosa e quase invisível, atingindo o outro pela repetição ou sistematização com que é manifestada.

Em suas considerações, a autora caracteriza a área da educação como das mais propícias ao surgimento de processos perversos de assédio moral, principalmente devido à rivalidade entre os indivíduos favorecida pelo ambiente escolar e universitário. A fim de lidar com a rivalidade e a hierarquia presentes nesse meio, desenvolvem-se defesas, como formas de dissimular as próprias fraquezas e assumir uma posição de superioridade (Hirigoyen, 2010, p. 67).

A autora destaca algumas fases que compõe o assédio moral. Uma primeira, chamada de "sedução perversa", em que o perverso narcisista busca fascinar e, por meio dela, é capaz de encobrir a realidade e manipular as aparências. Uma segunda fase, chamada de "enredamento", que consiste em fazer com que o outro pense, decida-se de maneira diferente do que teria feito espontaneamente. E, uma última fase, que se refere a uma "retirada da vítima a capacidade de se defender", em que, a fim de se evitar uma reacção, retira-se o senso crítico da pessoa, o que a autora sugere que equivale a um roubo moral.

Barroso e Tajú (2009) reforçam que as práticas de assédio moral são traços perversos de fato comuns no âmbito educacional, e acrescenta, ainda, que elas podem ser de certa forma sustentadas pela cultura da instituição, configurando-se como uma fonte de violência induzida pelas escolas e universidades. Ele explica melhor essa afirmação e discorre em torno da questão da lei na escola e sua influência na relação entre os atores que compõem a instituição.

1.5- Assédio sexual no contexto escolar

O assédio sexual, ocorre onde se mantem relações hierárquicas ou não entre o perpetrador e a vítima, neste sentido não se pode negar que o ambiente educacional de certo modo os actores lá existentes mantem relação entre eles: professores com alunos (as), aluno e alunas, entre outras. Como preconiza o Programa Conjunto sobre Género e HIV e SIDA (2009), o assédio sexual é uma

realidade nas escolas moçambicanas e pode ser praticado por professores, funcionários e pelos colegas da aluna.

Para Osório (2007), o assédio sexual é objecto de rumores pelos alunos, é reconhecido como um acto visando estabelecer favores sexuais em troca do aproveitamento escolar das alunas. O autor identifica três posições relativamente ao perfil das raparigas no contexto de assédio sexual: as que são assediadas e se conformam (70%), as que assediam (10%) e as que resistem ao assédio (20%).

Por outro lado, da Silva (2017), salienta que a acusação e a responsabilização das meninas pelo assédio de que são vítimas, mostram bem como, na incorporação do modelo cultural na construção do feminismo, as mulheres são cúmplices e agentes da sua submissão: a noção de decência relativamente ao vestuário é uma forma de dominação, isto é, as raparigas “descontroladas” que usam saias curtas expõem-se a uma violência que é social e culturalmente legítima. Significa que o “descontrolo feminino” justifica e despenaliza o assédio, fazendo da vítima agente do seu próprio sofrimento.

Segundo Teixeira e Duarte (2011), uma das grandes formas de extorsão no sector da educação em Moçambique se dá por via do sexo, os professores usam a intimidação e a ameaça para fazer com que as alunas lhes prestem favores sexuais em troca de uma passagem de classe. Noutros casos, a cobrança de sexo acontece quando determinada aluna não tem dinheiro para pagar o professor; caso a aluna se recuse chumba de classe, o que faz com que esta opte por mudar de escola.

1.5.1- Tipos de abuso e assédio sexual no contexto escolar

- a) Assédio sexual verbal - quando há comentários sobre o corpo da pessoa, quando espalham rumores sobre sua vida sexual, quando fazem acusações ou comentários sexuais, contam piadas ou histórias indignas.
- b) Assédio sexual físico - quando há acções como agarrar, tocar, beliscar de uma forma sexual, esfregar, tocar no corpo em especial nas partes íntimas sem consentimento.

- c) Assédio sexual visual - quando há exibição de fotos obscenas, de objectos associados ao sexo, gestos obscenos, etc...(Fraude e Baldé, 2021).

A Action Aid (2008), refere que o abuso sexual na educação consiste em:

- Molestar ou atacar sexualmente uma rapariga ou permitir que este acto ocorra na escola ou fora dela, protagonizado por professores seus ou outros funcionários da escola, em troca de benefícios materiais, nota para passar, matrícula, entre outros;
- Encorajar ou forçar uma rapariga a ser usada para a satisfação sexual de professores, funcionários da escola, ou mesmo elementos da comunidade numa situação de desigualdade e coerção;
- Envolvimento de uma rapariga em qualquer acto ou actividade sexual com um adulto ou outra pessoa mais velha, ligados ao estabelecimento de ensino que frequenta, antes da idade ou de consentimento reconhecido legalmente.

1.5.2- Formas verbais e físico de abuso

As formas verbais de abuso incluem propostas e insinuações indecentes e geralmente não são reconhecidas pelas abusadas como sendo abuso sexual, podendo-se considerar o princípio de transição para outras formas de abuso que envolva o contacto físico e a relação sexual.

Matavel (2005), refere que a persuasão envolvendo a argumentação parece ser a forma mais frequente. Esta persuasão é muitas vezes motivada por algum complexo de inferioridade e baixa auto-estima perante os argumentos do abusador.

O contacto físico sem relação sexual inclui a tentativa de beijar com uso da força, beijos com uso da força, carícias sem consenso e tentativa de manter relação sexual com uso da força (Matavel, 2005).

1.6- Educação sexual na escola

“A educação sexual está ligada à promoção de bem-estar físico, emocional e social e não apenas à prevenção de infecções e de gravidezes precoces” (Vilar, 2009, p. 78).

A educação sexual pressupõe a componente afectiva que influencia na formação da personalidade, na socialização e na escolha de um conjunto de valores morais pessoais.

A educação para a sexualidade é “um processo contínuo, vinculado à formação de crianças e jovens que, além das informações científicas, oferece esclarecimentos para a compreensão e o desenvolvimento da sexualidade, de forma plena, saudável e responsável, em diferentes momentos da vida” (Santos, 2008, p. 221).

A educação para a sexualidade é assim tida como necessária e inevitável, sendo várias as razões que apoiam esta afirmação, tais como as cinco razões que se apresentam a seguir para justificar a existência de uma educação sexual em contexto escolar apontados por Cortesão, Silva e Torres citados por Vaz (2006):

A sexualidade nos jovens é transversal a todas as suas etapas da vida, pelo que, é durante a idade escolar que os alunos formam a sua identidade, os seus conceitos sobre o que os rodeia e, inevitavelmente, sobre a sua sexualidade. Assim, falar de sexualidade na escola esclarece os alunos, desdramatiza as situações e clarifica atitudes. Tirar da clandestinidade o sexo e discutindo-o abertamente pode mudar os comportamentos agressivos e desajustados dos alunos, permitindo que hajam melhores relações interpessoais (Vaz, 2006, p. 94).

O esclarecimento sobre sexualidade nos jovens não contribui para uma sexualidade precoce mas antes para uma sexualidade informada e consciente. Estudos realizados comprovam que jovens que abordaram a sexualidade formalmente em contexto escolar iniciaram mais tarde a sua actividade sexual.

Dos santos (2016), salienta que a escola tem um importante papel na sociabilização das crianças e na aquisição de atitudes cívicas. A interacção com os pares nos jogo, brincadeiras e actividades escolares levam a criança ao confronto com o outro. A escola torna-se fundamental na educação para a cidadania e para os valores, adoptando metodologias activas que levem os alunos a exprimirem-se, a ouvirem o outro e a trocarem opiniões.

O autor acrescenta que a escola deve ajudar os alunos a descobrirem a importância do seu próprio corpo, da sexualidade, do respeito pelo próprio corpo e pelo corpo do outro, a aceitar a sua identidade, a riqueza da sexualidade e a sua influência na sua vida (Dos Santos, 2016, p. 89).

Dado o alastramento das doenças sexualmente transmissíveis, tal como a SIDA, a escola assume um papel importante na informação e na formação dos seus alunos, para que estes sejam cidadãos informados e conscientes da sua sexualidade e dos comportamentos que podem pôr em risco a sua saúde.

Hoje em dia, existem fontes de informação para as crianças e jovens que são concorrentes à escola, numa vertente não formal, mas que acabam por transmitir informação que pode, eventualmente, ser percepcionada de uma forma distorcida e errada. A escola é o espaço formal privilegiado onde essa informação pode ser veiculada formalmente e de uma forma correcta.

Assumindo que ainda existe uma “fuga” ao papel de educador para a sexualidade por parte da família que, muitas vezes, remete para a escola essa função, torna-se necessário que a escola assuma essa tarefa, caso contrário a educação sexual dos jovens será feita ao acaso e alcançada através das piores vias como a pornografia ou a experimentação às escondidas. Os professores, como principais agentes educativos, exercem muita influência nas aprendizagens dos alunos e têm um papel fundamental (Vicente, 2012).

No entanto, a acção destes pode não ser eficaz e positiva se não for feita com empenho e intencionalidade, com o apoio e consentimento dos vários intervenientes e acompanhada de um conhecimento público e político da sexualidade. Se já é muito difícil para os professores desconstruírem as ideias pré-concebidas dos alunos ou falsas morais tradicionais, mais difícil é contribuir para a reconstrução de ideias estruturadas e informadas sobre a sexualidade, quando a moral social não corrobora os mesmos objectivos e concepções.

1.7- O papel do professor na educação sexual dos alunos

Para uma abordagem mais consistente da educação sexual em meio escolar os professores devem receber formação e treino, assim como terem abertura para o tema e elevada motivação para o seu ensino (Artur, 2003, p. 43).

Para desenvolver acções de educação sexual, é desejável que o professor se preocupe genuinamente com o bem-estar físico e psicológico dos jovens, que aceite e respeite a sua sexualidade e a dos outros, que procure o envolvimento dos pais, encarregados de educação e outros profissionais quando reconheça que há situações em que não domina a informação que necessita transmitir.

O professor deve ser tão neutro quanto possível, não passando as suas convicções, opiniões ou juízos de valor; deve demonstrar disponibilidade e confiança, utilizar vocabulário adequado tanto a um nível técnico como pedagógico, informar-se de forma a passar informações científicas actuais e correctas e ser cuidadoso na transmissão de informação, tendo em conta a faixa etária e o nível de desenvolvimento dos alunos e os seus interesses (Teixeira e Duarte, 2011).

Artur e Cabral (2014, p. 47), propõem uma educação direccionada para os quatro tipos fundamentais de aprendizagem que são os pilares do conhecimento “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser”.

Estes autores entendem a educação como um todo e defendem que esta concepção deve inspirar e orientar as reformas educativas, tanto ao nível da elaboração de currículos como da definição de novas políticas pedagógicas.

Como foi abordado anterior, a escola desempenha uma função social determinante para o desenvolvimento humano, psicossocial e afectivo de todos os alunos. Com efeito, é no espaço escolar que os alunos interagem com os seus pares estabelecendo relações de amizade ou de carácter amoroso. É na escola que os alunos aprendem a conhecer, aprendem a fazer, aprendem a viver com os outros e aprendem a ser.

Diaz (2011, p. 143), faz uma reflexão sobre abordagem do professor relativamente ao assunto sexualidade na sala de aula qual seria o papel do

professor que se dispõe a falar sobre sexualidade no espaço da escola. Alguns pais preocupam-se, justamente, por temer que os professores passem, para seus filhos, os valores que eles, professores, defendem.

Assim, por exemplo, pais conservadores, que defendem a virgindade até o casamento (para as filhas, na maioria das vezes) temem que professores possam pregar valores divergentes, incentivando, no caso, o sexo antes do casamento. O contrário também pode acontecer, ou seja, pais que pretendem que seus filhos sejam livres para decidir, com responsabilidade, sobre sua vida sexual, temem que professores conservadores venham-lhes incutir ideias de pecado. Teriam direito, os professores, de influenciar seus alunos com seus valores pessoais sobre o que consideram certo ou errado.

Ainda Diaz afirma que certamente cabe aos professores criar várias oportunidades e reflexão, para que os alunos pensem e discutam com os colegas, a fim de que formem sua própria opinião sobre sexo pré-matrimonial, masturbação, homossexualidade e aborto, entre outros. Cabe também ao professor, fazer com que os alunos tenham acesso a informações claras, objectivas e científicas sobre a sexualidade (Diaz, 2011, p. 147).

Os estudos de Fisher citado por Freitas (2001), demonstraram que as atitudes dos professores podem ser positivas negativas relativamente à sexualidade. Assim, quanto mais positiva é a atitude dos professores em relação à sexualidade, mais importância será atribuída ao tema e mais empenho e motivação será atribuída tanto no seu ensino como na busca de mais conhecimento sobre matérias sexuais.

Como referido por Osório (2010), também a percepção que o professor tem das atitudes e importância que os alunos, pais e comunidade em geral atribuem à educação sexual, ou seja, o apoio percebido da comunidade, vai influenciar a sua postura em relação à educação sexual.

Por isso, é importante que a comunidade, os alunos e os pais estejam sensibilizados para a importância da educação sexual nas escolas e sejam cooperantes com o trabalho do professor, pois quando esse apoio é percebido pelo professor, o seu empenho e motivação para leccionar educação sexual é maior.

Outra variável já referida anteriormente e que pode contribuir para um melhor ensino da Educação Sexual é a formação do professor, no entanto, no estudo de Vilar (2009) demonstra que o treino apenas se relaciona com o conhecimento dos professores e não com o conforto ou com as atitudes face à educação sexual em meio escolar.

Assim, o conhecimento é uma variável com grande influência na forma como os professores se preparam para leccionar a educação sexual, pois embora, como referido por Ramiro e Matos citado por Vilar (2009, p. 34), “seja de menor importância que as atitudes são um pré-requisito para uma educação sexual de sucesso”. O conhecimento está dependente não só da formação inicial ou académica na área ou de formação complementar, mas também da formação pessoal do professor, adquirida através das suas vivências.

Entretanto, o conforto em ensinar temas relacionados com a educação sexual é também uma variável que pode afectar a forma como o professor faz chegar a informação ao aluno.

Cunha (2017), encontrou uma relação positiva entre o conforto e as atitudes, ou seja, como afirma Lemos citado por Matavel (2005, p. 273), “aconselha-se que a educação sexual seja leccionada por aqueles docentes que efectivamente se sintam bem com ela”. E, por isso, os temas sentidos como mais desconfortáveis para o professor serão os temas menos abordados e poderão influenciar a forma como são transmitidos.

1.8- O papel da família na educação sexual dos seus filhos

A família como valor e refúgio, local de referência, de ternura, de afeição gratuita, de compreensão e inter-ajuda.

Para Valadier citado por Matavel (2005, p. 45), a família é “um valor em si mesma e o último refúgio dos valores tradicionais”. Esta é vista como útero social na medida em que alimenta, protege e socializa a pessoa humana.

Embora, segundo Lousada citado por Santos (2008), continue a ser porto de abrigo, face às diversas alterações quer na sua própria constituição e função quer

sociais, ela não tem sido capaz de dar resposta desempenhando a escola um lugar privilegiado para a formação cívica e moral.

Compreende-se que a família tem um grande papel no desenvolvimento e configuração moral do indivíduo é crucial apesar das constantes mudanças que ao longo dos anos se têm vindo a verificar, sobretudo, no papel que cada membro possui na teia familiar. Apesar de não ser o único agente educativo é, sem dúvida, o mais influente na aprendizagem de valores, bem como de padrões de conduta e, como tal, tem um papel fundamental na educação moral dos filhos.

Embora todos sejam agentes de educação sexual e moral, a família e professores têm um lugar de destaque.

Segundo Ortega citado por Cunha (2017, p. 131), os pais têm o dever de “dar e dirigir a educação da sexualidade de seus filhos, o que não pode e não deve ser usurpado por qualquer pessoa... os pais terão de determinar seriamente exercitar a educação de maneira clara, delicada, oportuna, verdadeira e respeitosa”.

Para Wagner (2005, p. 67), no plano da educação para os valores, a “família nuclear foi, e sempre será, o garantir de que o melhor interesse dos jovens é genericamente garantido”.

O papel da família e da escola na implementação da educação sexual é tida com igual grau de importância, em especial pelos professores do sexo feminino, tendo os professores mais jovens e licenciados evidenciado uma postura mais negativa quanto esta função se restringir somente ao seio familiar e a escola possuir somente um papel complementar no que toca à implementação da educação sexual.

Frade e Baldé (2021, p. 87), afirmam que “apesar das dificuldades de diálogo entre progenitores e filhos, vários estudos apontam para que a mãe desempenhe um papel mais relevante na informação sexual dos filhos comparativamente ao papel do pai”.

Infelizmente, muitos pais têm dificuldade e timidez em abordar estes temas com os seus filhos e, como tal, delegam esta função para a escola. Cada agente educativo (pais, educadores, media, etc.) deverá conhecer as suas funções, defendê-las e levar a cabo a especificidade dessas mesmas funções. A escola pode

e deve complementar o papel desempenhado pela família ou até mesmo corrigir atitudes resultantes de uma deficiente formação (Silva, 2003).

Tal como a escola, a família é um importante agente de socialização para a criança. Os pais, familiares e amigos são modelos a seguir pela criança e vitais para a sua conduta. A escola e a família não devem “competir” entre si nem actuar em sentidos diferentes, devem sim, trabalhar em conjunto, trocar informações e tentar promover o desenvolvimento global e harmonioso da criança.

Nas linhas orientadoras para a educação sexual em meio escolar, reforçam a importância da parceria escola-família: É inquestionável a importância da família na educação sexual das crianças e dos jovens: a vivência da sexualidade é um dos elementos do processo de desenvolvimento global da pessoa, no qual a família, como se sabe, é o primeiro e um dos principais agentes.

Paralelamente, como mecanismo de influência da família nas crianças e jovens, a aprendizagem pela observação de comportamentos e pela integração de modelos e incorporam tanto o fazer, como o pensar e o julgar vem reforçar a inevitabilidade da participação da família na educação sexual das crianças e jovens (Hirigoyen, 2010).

No seio da família são múltiplas as expressões da linguagem afectivo-sexual, desde o modo como cada elemento da família exerce o seu papel sócio sexual, a organização da família, a proximidade física ou a distância entre os seus membros, as reacções verbais ou não verbais, os comentários sobre os comportamentos de outras pessoas, os silêncios em torno da temática, entre outros. O ingresso na escola vem abalar um pouco as aprendizagens realizadas pela criança no contexto familiar. Na escola, a criança vai ter novas vivências, vai apreender novas mensagens e conteúdos e inserir-se em diferentes grupos sociais.

Não se espera que um contexto substitua o outro mas sim que o complemente. Segundo Pires citado por Barroso (2019), dada a diversidade de representações possíveis de se encontrar entre o grupo de pais de alunos de uma escola e tendo em conta que provêm de diferentes meios socioeconómicos e tiveram diferentes experiências em relação à sua educação sexual, é muitas vezes difícil encontrar uma “ponte estável” entre pais e escola.

É por isso fundamental que a escola esclareça os pais quanto à sua acção intencional em educação sexual, quais as finalidades, quais os conteúdos e quais as actividades a desenvolver. Se os pais estiverem esclarecidos e informados, serão pais mais participativos e estarão mais perto da escola e das suas finalidades.

1.9- Causas e consequências do assédio sexual no contexto escolar

Vicente (2012), aponta várias causas do assédio sexual que sobretudo as meninas estão sujeitas nas escolas, dentre elas se destacam:

O facto de a personalidade e as convicções das meninas nesta idade estarem ainda em processo de desenvolvimento, significando que elas não têm capacidade de defesa, perante a situação de assédio; Pobreza e vulnerabilidade económica; Raparigas a viverem com pais divorciados ou com outros parentes, portanto, numa situação de vulnerabilidade; Degradação dos valores morais por parte dos abusadores; Crenças culturais, normas e instituições sociais que legitimam e perpetuam a violência contra as mulheres em geral.

1.9.1- Causas do assédio sexual

Muitas são as causas que alicerçam o assédio sexual na escola que, na verdade nada justifica, pois o professor é um profissional com habilidades necessárias para contornar práticas dessa dimensão que não só, compromete o seu profissionalismo, os valores morais, como também os fins da educação Janssen (2016). Pode-se afirmar que o assédio sexual constitui uma das categorias de maus-tratos contra crianças e adolescentes tais como o abuso físico, o abuso psicológico, o abandono e a negligência.

De acordo com a Action Aid (2008), existem várias causas do abuso sexual da aluna nas escolas dentre elas destacam-se:

- O facto de a personalidade e as convicções da aluna nesta idade estarem ainda em processo de desenvolvimento, significando que elas não têm a capacidade de defesa, perante a situação de abuso;
- Pobreza e vulnerabilidade económica;

- Alunas vivendo com pais separados, divorciados ou com outros parentes, portanto, numa situação de vulnerabilidade;
- Degradação dos valores morais por parte dos abusadores;
- Crenças culturais, normas e instituições sociais que legitimam e perpetuam a violência contra as mulheres em geral;
- Desigualdades nas relações de género.

1.9.2- Consequências do assédio sexual

Em relação as consequências do assédio sexual, Santos (2008), afirma que os estados psicóticos ou perversos, depressão, baixo controle dos impulsos, problemas neuróticos, baixa tolerância do estresse, bem como o uso do álcool e outras drogas são consequências relevantes para a compreensão desse problema.

De acordo com Vicente (2012) as reacções entre as vítimas de assédio sexual, manifestam-se da seguinte forma:

- Sintomas emocionais – depressão, ansiedade, medo e pensamentos suicidas;
- Sintomas físicos- perturbações alimentares e de sono, cansaço, distúrbios gastrointestinais e sensação de mau estro geral;
- Sintomas cognitivos- dificuldade de concentração e memória, hiper-vigilância e falta de confiança nos outros.

Para o efeito, as consequências podem ser sentidas na vida da vítima de forma prolongada, envolvendo prejuízos não só para a vida psíquica, mas sobretudo no que se refere a sua aprendizagem escolar e concomitantemente, os processos cognitivos (Silva, 2003).

Os psicólogos usam o termo cognitivo para descrever processos como a percepção, a atenção e associação, sendo estes factores que o cérebro usa para processar a informação recebida em conhecimento e aprendizagem.

De acordo com Freitas (2001), um dos efeitos do assédio sexual é distorcer a percepção do mundo da adolescente. Para essa autora britânica, um relacionamento aparentemente amoroso pode se tornar um pesadelo abusivo sexualmente, levando a uma confusão sobre quais os comportamentos adequados

e inadequados entre adultos e crianças.

Por isso que, as adolescentes sexualmente abusadas quase sempre se sentem culpadas e, de alguma forma, culpam-se pelo que está acontecer com elas. Essa distorção da realidade que o assédio sexual causa sobre as adolescentes se constitui como uma das consequências do processo de maturação ainda em desenvolvimento, facilitando o trabalho para o assediador, em detrimento da vulnerabilidade da vítima.

Na perspectiva de Cunha (2017), no contexto escolar, as consequências do assédio sexual ficam mais evidentes sobre a vida cognitiva das adolescentes, com ênfase a falta de concentração e o desinteresse pela aprendizagem. Realça também que uma adolescente que está sempre preocupada, com medo, terror, confusão ou que antecipa o próximo acesso sexual não vai conseguir prestar atenção no que se espera que aprenda na escola. Essas adolescentes se comportam como se estivessem em um mundo de sonhos e parecem aéreas na turma, quase rudes em suas respostas.

Segundo a autora, para essas adolescentes, na maioria dos casos é muito difícil aprender qualquer coisa na escola. A dificuldade em se concentrar faz com que elas não absorvam ou não armazenem informações, não aprendam ou tentem relembrar a matéria, por exemplo uma aula que ela recebeu há 24 horas, a adolescente acaba por esquecer tudo.

É por isso que adolescentes que são assediadas sexualmente podem ter um fraco aproveitamento escolar. Esta situação pode criar um equívoco por parte dos professores em relação a essas adolescentes, quando estes associam um baixo empenho acadêmico a problemas de aprendizagem e com isso poderão abalar a confiança dessas adolescentes em obter um aproveitamento acadêmico mais satisfatório.

Por fim, qualquer que seja o direcionamento do assédio (professor-aluno ou aluno professor), vítimas é criada. O trauma vivido pela manipulação perversa engendra sérias perturbações naquele que é agredido e ultrapassa os limites das instituições, afectando também aqueles que compartilham do quotidiano dessas vítimas (Matavel, 2005).

Apesar de existir nas instituições que tratam do assédio sexual e moral, as maiores dificuldades em relação à penalização do agressor são a invisibilidade e o alto grau de subjectividade envolvido na questão. Provar a relação de causa (agressão) e consequência (sofrimento da vítima) não é simples já que o agressor dificilmente deixa rastro.

1.9.3- Consequências psicológicas na mulher vítima de assédio sexual

Para Magalhães citado por Silvino (2016), as consequências do assédio sexual podem ser sociais, morais, psicológicas e económicas, e assumem contornos graves para a saúde da vítima. Importa frisar que as consequências estão subtilmente ligadas a variáveis como o grau de exposição, a gravidade e a duração do acto.

Como principais consequências psicológicas, distingue-se a tristeza persistente, irritabilidade, diminuição drástica da auto-estima, vergonha, mudanças repentinas de humor, pensamentos compulsivos, quebra de autoconceito, insegurança, raiva, medo, fantasias de fuga, alucinações, impotência, e debilidade.

Resultam igualmente do assédio sexual, respostas físicas e psicossomáticas como dores no pescoço e costas, cansaço acentuado, perda de apetite, diminuição de anseio de viver a sua vida, problemas respiratórios, aumento de infecções urinárias, úlceras e eczemas (Múrias, Magalhães e Morais, 2014).

Ainda para Silvino (2016), existe uma linha ténue entre as consequências de uma vítima de assédio sexual e de uma vítima de violência nas relações de intimidade, podendo ambas sofrer de sentimentos associados a uma humilhação constante, culpabilização, receio de represálias pelos outros e o auto-silenciamento.

Assim sendo, os danos psicológicos para a vítima são ainda mais agravados, uma vez que a sociedade tende a culpabilizá-la do assédio sexual, isto é, as vítimas são apontadas como as principais responsáveis pelo seu próprio sofrimento e, por outro lado, desculpabiliza-se os comportamentos sexuais por parte dos assediadores, aumentando, com isso, os danos psicológicos na vítima.

De acordo com Freitas citado por Silva (2008), o assédio sexual é uma acção que sempre causa um malefício à vítima, não existindo possibilidade de qualquer resultado positivo. Importa, ainda, referir que o assédio sexual desencadeia uma

série de problemas psicológicos para a vítima, podendo também ser um factor de problemas no ambiente de trabalho e na vida da vítima em geral, para além dos problemas psíquicos que podem durar grandes períodos.

Ximenes (2017), demonstra que o assédio sexual nas relações de trabalho pode desencadear improdutividade, coloca em risco a sobrevivência da empresa ou espaço de trabalho; pode ainda causar a impossibilidade de trabalho da vítima devido ao trauma, podendo assim destruir uma carreira promissora e contribuir para a perda do desejo sexual em face de outros traumas.

Os problemas psicológicos desencadeados por parte do trauma advindo do assédio sexual podem ser complexos, podendo ser divididos em problemas directa ou indirectamente advindos do assédio sexual, que surgem a nível da psique e que são desenvolvidos em consequência do trauma.

Segundo Dias (2008), a principal consequência do assédio sexual verifica-se na psique da vítima, especialmente na sua auto percepção de segurança no seu local de trabalho, no caso de o assédio se verificar no local de trabalho. Portanto, o assédio sexual acarreta a violação do direito à segurança da vítima, uma vez que tal acção envolve uma quebra da moral e da segurança do local onde aquela se encontra.

Conforme acima mencionado, o assédio sexual pode acarretar uma série de consequências emocionais e psicológicas, perturbando a psique e trazendo complicações para a vida normal das vítimas. Nesta senda, afirma o autor que de uma forma geral, o assédio sexual é psicológica e emocionalmente perturbador para as vítimas.

A mulher vítima desse tipo de violência costuma construir uma barreira psicológica como mecanismo de defesa, na tentativa de criar limites entre si mesma e o mundo, mas vezes há que o trauma leva a dinâmicas patológicas, como depressão, insónia, transtorno de stresse pós-traumático, ansiedade e dissociação.

1.9.4- Os factores que influenciam na intensidade das consequências:

- Idade da vítima;
- Tipo de relação com o agressor (professor, colega, família...);
- Natureza dos comportamentos (verbal, físico, visual ou misto);

- Reacção face à revelação e pedido de ajuda (culpabilizar, ficar indiferente ou acreditar e apoiar);
- Duração e frequência do assédio (Vicente, 2012).

1.10- Prevenção e combate do assédio sexual nas escolas

Segundo a especialista em Protecção de Crianças e Adolescentes da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), Fabiana Gorenstein citado por Barroso (2009, p. 98), descreve que uma importante forma de combater o assédio nas escolas é a disseminação de informações sobre sexualidade e formas de relacionamento sem violência adaptado às diferentes faixas etárias e ao contexto local, além da divulgação dos canais de denúncia existentes.

“Essa é a grande aposta da UNICEF para proteger direitos. Crianças e adolescentes que têm acesso a informação têm mais oportunidades para reconhecer condutas violentas, apoiar outras crianças e adolescentes em situações de violação e também buscar ajuda sempre que necessário” (Barroso, 2009).

Neste sentido, é importante combater projectos de lei, como o Escola sem Partido, que visam a dificultar e até restringir o livre debate sobre questões como género nas escolas.

Frade e Baldé (2021, p, 67) descrevem que,

A partir do momento que a nossa educação não nos educa a rever os nossos preconceitos, estamos formando uma sociedade cada vez mais viciada, que naturaliza o machismo, o racismo, e perpetua essa realidade. É por isso que precisamos nos posicionar contra uma lei que impeça que a gente discuta esses problemas na sociedade.

No entanto, percebe-se que fechar os olhos para as incidências e consequências do assédio é colaborar para que ele se torne ainda mais violento. Somente por meio de acções que incentivem a conscientização sobre o tema é que será possível coibir os assediadores e prevenir situações em que ocorre o assédio.

CAPITULO II: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Para Freixo, (2012), define como sendo “o conjunto de métodos e das técnicas que guiam a elaboração do processo de investigação científica” ou ainda, “uma secção de um relatório de investigação que se descreve os métodos e as técnicas utilizadas no quadro dessa investigação.

Percebe-se que, o método é o caminho a ser trilhado pelo pesquisador, desde o início de sua caminhada, com a formulação de um problema até a comprovação das hipóteses (resposta ao problema), ao final da pesquisa. Pode ser entendido também como um conjunto de etapas que serão vencidas de forma sistemática na busca pela “verdade”.

2.1- Tipos de Pesquisa

Neste trabalho definiu-se como tipos de pesquisa as seguintes: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de Campo

2.1.1- Pesquisa bibliográfica

É aquela que se desenvolve tentando explicar um problema a partir das teorias publicadas em diversos tipos de fontes: livros, artigos, manuais, enciclopédias, anais, meios electrónicos, etc. A realização da pesquisa bibliográfica é fundamental para que se conheça e analise as principais contribuições teóricas sobre um determinado tema ou assunto.

A pesquisa bibliográfica pode ser desenvolvida em diferentes etapas. Gil (2002), diz que “qualquer tentativa de apresentar um modelo para o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica deverá ser entendida como arbitrária. Tanto é que os modelos apresentados pelos diversos autores diferem significativamente entre si.”

2.1.2- Pesquisa de Campo

Segundo o (Gil, 2002), entende que é a diferença entre um indivíduo e outro, a partir da análise da interacção entre as pessoas de um grupo ou comunidade, extraindo dados directamente por meio da realidade dos indivíduos.

Neste sentido, o nosso campo de pesquisa foi o complexo escolar n.º 4015 - Boa Esperança em Cacuçaco

2.2- Modelo de abordagens

Do ponto de vista da abordagem do problema utilizou-se a pesquisa qualitativa.

Fortin (2003) diz-nos, que a investigação é qualitativa quando o investigador observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno como ele se apresenta, sem procurar controlá-lo. É baseada na observação de factos objectivos, de acontecimentos e fenómenos que existem independentemente do investigador.

2.3- Níveis de estruturação dos métodos

GIL (2002, p. 8), define método científico como “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adoptados para se atingir o conhecimento. Moraes (2015, p.18), acrescenta que o método científico “tem a intenção de facilitar o planeamento, investigação e a conclusão de um determinado trabalho científico”.

Assim sendo, para a materialização deste trabalho utilizou-se os métodos os Indutivo e observação

2.3.1- Método Indutivo

Segundo GIL (2002, pp. 10,11), o método indutivo, parte-se da observação de fatos ou fenómenos cujas causas se deseja conhecer. A seguir, procura-se compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles. Por fim, procede-se à generalização, com base, na relação verificada entre os fatos ou fenómenos”.

Sendo assim, nesta pesquisa pretende-se identificar o impacto do assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da 9ª classe do ensino secundário de acordo opinião dos entrevistados.

2.3.2- Método de observação

Na perspectiva de Marconi e Lakatos (2017, p. 207) a observação, é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade.

Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar factos ou fenómenos que se deseja estudar.

2.4- Técnicas de recolha de dados

De acordo com Marconi e Lakatos (2009, p. 176), “para a realização de uma pesquisa científica há necessidade de levantamento dos dados e colecta por meio das técnicas de pesquisa”. Assim sendo, atendendo ao modelo de abordagem para esta pesquisa, utilizou-se as seguintes técnicas: a entrevista e a observação.

a) Entrevista

A entrevista é uma das principais técnicas de colectas de dados e pode ser definida como “*um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto*” (Zanella, 2009, p. 116).

Esta técnica foi aplicada sobre a forma de entrevista padronizadas ou estruturadas dirigidas ao director e ao subdirector pedagógico, com o intuito de obter informações sobre o tema que nos propomos investigar.

b) Observação

Na observação se utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Como diz Triviños citado por Zanella (2013, p. 121), “não é simplesmente olhar, mas destacar em um conjunto objectos, pessoas, animais, algo específico, prestando atenção em suas características, como cor, aroma e tamanho, dentre outras”.

Esta técnica nos serviu para constatar de forma directa, como os professores lidam com os alunos que sofrem o assédio sexual.

2.5- Instrumentos e procedimentos de recolha de dados

2.5.1- Instrumentos de recolha de dados

Para Moraes (2015, p. 30), instrumentos de recolha de dados são “*as formas de realização da coleta de dados*”.

Sendo assim, os instrumentos utilizados para a elaboração do presente trabalho são: o guião de entrevista e a grelha de observação.

a) Guião de entrevista

Para Sousa e Baptista (2013), o guião de entrevista é constituído por um conjunto de questões colocando o entrevistado na situação de colaborador, garante o anonimato das informações; explica o modo como a entrevista vai decorrer; coloca-se ao dispor do entrevistado para esclarecer eventuais dúvidas.

Assim sendo, foram aplicadas entrevistas em dias diferentes ao director e ao subdirector pedagógico que depois foram interpretadas e analisadas.

b) Grelha de observação

A grelha de observação é um instrumento que “*permite verificar pessoalmente e directamente um fenómeno que se deseja estudar, através de uma observação de como os sujeitos e as variáveis controladas se comportam durante um determinado espaço de tempo*” (Júnior, 2015, p. 43).

Este instrumento nos serviu para a compreensão dos factos por meio da observação não participativa.

2.5.2- Procedimentos

- A escolha do tema, a opinião e consentimento do tutor;
- Selecção da bibliografia tocante ao tema;
- Contactar a direcção da escola e pedir a sua autorização para a feitura da pesquisa;
- Preparação dos instrumentos de pesquisa e recolha da informação aos participantes em estudo;
- Apresentação, análise e interpretação dos dados recolhidos;
- Redacção do trabalho;

- Entrega e apresentação pública do trabalho de fim do curso.

2.6- População e Amostra

2.6.1- População

Para Lakatos e Marconi (2003), “população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum”.

Para o presente estudo, trabalhou-se com uma população de (42) quarenta e dois indivíduos. Dos quais (2) dois membros da direcção de escola, (15) quinze Professores, e (25) vinte e cinco alunos.

2.6.2- Amostra

Na visão de Júnior (2015, p. 98), a amostra “constitui um subconjunto dos elementos de uma população (universo) a partir do qual os dados são recolhidos”.

Logo, a amostra para o presente trabalho esta constituída por um (1) director, um (1) subdirector pedagógico, cinco (5) professores, e cinco (5) alunos totalizando os 12 indivíduos ($n = 12$), conforme a tabela abaixo

Quadro da população e amostra

Indicadores	População	Amostra
Director de escola	01	01
Subdirector pedagógico	01	01
Professores	15	05
Alunos	25	05
Total	42	12

Fonte: autora

2.6.3- Característica dos participantes do estudo

a) Director de escola

O director geral coordena, organiza, e gere todas as actividades de escola auxiliado pelos os demais componentes atendendo as leis, regulamentos e orientação dos órgãos superiores.

É do género masculino, com idade compreendida 47 anos, com 15 anos de serviço, é licenciado em história de angola, pelo ISCED de Luanda.

b) Subdirector Pedagógico

A atribuição primária do subdirector pedagógico, é prestar assistência didáctica pedagógica aos professores em suas respectivas disciplinas, no que diz respeito ao trabalho interactivo com os alunos. Cabe também ao subdirector pedagógico manter vivo relacionamento com os pais e a comunidade.

Tem 46 anos de idade, é bacharel, e tem com tempo de serviço 15 anos.

c) Professor

Pessoa que, por conhecimento adquirido ou experiência da vida, pode ser mentor, espelho e ou norte para outros que desconhecem factos ou acontecimentos. É a pessoa que possui capacidade para ensinar algo fundamental.

Têm idades compreendidas entre 28 a 54 anos de idade, habilitações literárias variam desde o bacharelato a licenciatura, tendo como tempo de serviço de 8 a 15 anos.

d) Alunos

São de vários extracto social, com idade compreendida entre 13 a 20 anos de idade todos frequentam a 9ª classe.

2.7- Dificuldades encontradas

- Limitação na selecção da bibliografia adequada para o tema;
- Distância da Instituição de ensino (ISA) ao campo de pesquisa;

- Dificuldades de ordem financeira;
- No tempo suficiente na elaboração e contactar a tutora, em função das ocupações ou o facto de ser trabalhadora;
- Pouca experiência por nossa parte na elaboração do trabalho do fim do curso.

CAPÍTULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS

3.1- Apresentação e interpretação dos resultados

Este capítulo apresenta os dados da pesquisa em função dos resultados obtidos nas entrevistas que realizou-se no campo.

Elaborou-se três guiões de entrevista, dirigido aos gestores escolar, professores e aos alunos para analisar e perceber dos participantes sobre o Impacto do assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da 9ª classe, isto é, no complexo escolar n.º 4015.

3.2- Apresentação dos resultados da entrevista dirigido aos membros da direcção da escola.

3.2.1- Entendimento sobre assédio sexual

Director da escola: O assédio sexual é qualquer comportamento sexual indesejado que cause constrangimento, humilhação ou intimidação. Pode ser verbal, não-verbal ou físico

Subdirector pedagógico: Tratando-se de um conjunto de comportamentos percepcionados como abusivos com o objectivo de intimidar, coagir ou ameaçar a dignidade de outra (s) pessoa (s). Todo o comportamento demonstrado de modo a atrair alguém sexualmente.

Percebe-se que assédio sexual é um conjunto de comportamentos indesejados, percepcionados como abusivos, praticados de forma persistente que pode ser demonstrado de várias formas.

3.2.2- Factores do assédio sexual nos alunos e professores

Director da escola: O assédio sexual pode ser provocada por falta de educação sobre consentimento e respeito aos limites do corpo de outrem, as desigualdades familiares, pobreza.

Subdirector pedagógico: pode-se descrever os factores como o desejo de iniciar uma vida sexual activa, a solidão, pertencer a uma família pobre.

Percebe-se que o assédio sexual no ambiente escolar pode ser motivado por vários factores que resumido pode-se descrever as seguintes: factores sociais, culturais, económicos e individuais

3.2.3- Algumas causas do assédio sexual nas instituições de ensino

Director da escola: As desigualdades no acesso a educação, o casamento precoce e a pobreza.

Subdirector pedagógico: A falta de informação sobre a sexualidade, o medo de reprovação, a pobreza e o fraco aproveitamento escolar podem ser factores que contribuem para o assédio sexual.

Segundo os entrevistados, o assédio sexual nas escolas são causados por falta de informação, medo de reprovação e a pobreza. Percebe-se que, o assédio nas escolas pode ter várias causas, como diferenças entre os alunos, conflitos de poder, e desigualdades socioculturais

3.2.4- Impacto do assédio sexual no processo de ensino e aprendizagem

Director da escola: Constrangimentos, favorecimento na avaliação, desistência ou abandono escolar.

Subdirector pedagógico: Imparcialidade na avaliação, perda de motivação na aprendizagem, reprovações propositadas sobretudo de alunas, bem como, ao surgimento de gravidezes na adolescência e, até de doenças sexualmente transmissíveis.

Tendo em conta aos entrevistados percebeu-se que, o assédio sexual tem um impacto negativo no ensino e aprendizagem dos alunos pois que, diminui a auto-estima das pessoas alvos e, em última instância pôr em causa a sua ligação à escola. As vítimas envolvidas em situações perante as quais têm dificuldades em defender-se.

3.2.5- Estratégias implementadas para combater o assédio sexual na escola

Director da escola: Bem para combater o assédio sexual na escola temos orientado aos professores que no acto da parada falem sobre temas diversos incluído o assédio sexual.

Subdirector pedagógico: Temos nos esforçado em manter uma boa comunicação com todos os alunos no sentido de manter todos informados sobre as políticas de combate ao assédio sexual na escola, onde no nosso programa incluimos palestras de sensibilização dos alunos sobre a vida sexual, o respeito e privacidade ao colega de sexo oposto e outros temas.

De acordo aos entrevistados, percebe-se que, têm se esforçado em combater o assédio sexual na escola com a implementação de programas que inclui as palestras sobre a vida sexual.

3.3- Apresentação dos resultados da entrevista dirigido aos professores

3.3.1- Entendimento sobre assédio sexual

Professor 1: Assédio sexual é quando alguém ou um colega de turma faz comentários insinuantes sobre a aparência ou personalidade da vítima.

Professor 2 e 5: Assédio sexual pode ser demonstrado por olhares ou gestos de natureza sexual.

Professor 3: Assédio sexual é a abordagens físicas desnecessárias

Professor 4: São as piadas de conotação sexual e contacto físico não solicitado.

De acordo os entrevistados, percebe-se que têm domínio sobre o assunto em abordagem onde falam do assédio sexual como o comportamento demonstrado de várias formas como no olhar e gestos, nos comentários, em piadas de conotação sexual.

3.3.2- Ponto de vista dos professores sobre os factores que estão na base do assédio sexual entre alunos e professores

Professor 1: Muitas vezes o assédio está associado ao factor álcool e drogas.

Professor 2: Assédio sexual pode ser demonstrado quando já se sente a necessidade de exprimir a sexualidade por gestos de natureza sexual e toque corporal.

Professor 3: As vezes esta associado as condições familiares e demonstração de poder de desigualdade.

Professor 4: Pode-se descrever a impunidade como um dos factores.

Professor 5: Sentimento de iniciativa de vida sexual, e as vezes pelo consumo de álcool e drogas.

Para os entrevistados o assédio sexual esta associado por vários factores com destaque para as desigualdades familiares, a impunidade, o desejo de iniciar a vida sexual e o consumo de álcool e drogas.

3.3.3- Algumas causas do assédio sexual nas instituições de ensino

Professor 1 e 3: As causas do assédio sexual nas escolas estão associadas a intimidação entre alunos e professores

Professor 2: quando é o professor com a aluno tem haver com o medo da relação de hierarquia.

Professor 4: A pressão para que as alunas não denunciem o professor ou o colega da escola ou de sala.

Professor 5: Muitos dos agressores intimidam as alunas em reprova-los ou mesmo por uma outra consequência.

Percebe-se que o assédio sexual é causado por vários factores assim como: relacionamento intimidade entre alunos e professores, relações de hierarquia, pressão para que as alunas não denunciem o agressor, Responsabilização das alunas pelo assédio sofrido.

3.3.4- Impacto do assédio sexual no processo de ensino e aprendizagem

Professor 1 e 2: Perturbação ou constrangimento da vítima

Professor 3: Constrangimentos, favorecimento na avaliação, desistência ou abandono escolar.

Professor 4: Imparcialidade na avaliação, perda de motivação na aprendizagem, reprovações propositadas sobretudo de alunas, bem como, ao surgimento de gravidezes na adolescência e, até de doenças sexualmente transmissíveis.

Professor 5: diminuição da auto-estima das pessoas alvos e, em última instância pôr em causa a sua ligação à escola. As vítimas são envolvidas em situações perante as quais têm dificuldades em defender-se.

Percebe-se que, o assédio sexual tem um impacto negativo no processo de aprendizagem dos alunos, visto que, afecta directamente na relação com os colegas e na sua aprendizagem o que pode vir a repercutir na sua reprovação em caso de gravidez precoce.

3.3.5- Estratégias implementadas pelos professores para combater o assédio sexual na escola

Professor 1, 2 e 4: conversar constantemente com os alunos sobre as consequências do assédio sexual na escola.

Professor 3: Quanto a esta questão me esforço em manter actualizado os alunos sobre a vida sexual e o respeito a outros porque muitos acham isso como errado diante da sua idade.

Professor 5: Crio debate com tema relacionado ao assédio sexual e esperar que cada aluno se expresse quanto ao assunto.

Para os entrevistados uma das formas de combater o assédio sexual na escola é por conversar com os alunos e a implementação de palestras educacionais relacionadas a temas viradas a vida sexual.

3.4- Apresentação dos resultados da entrevista dirigido aos alunos

3.4.1- Entendimento dos alunos/as sobre assédio sexual.

Aluno 1: é quando alguém faz comentário sobre sexo.

Aluno 2: é quando te faz insulto sobre o teu corpo.

Aluno 3: é quando alguém te assedia, te olhando e as vezes te tocando sem a tua autorização.

Aluno 4: é quando te acariciam sem a tua autorização

Aluno 5: quando alguém te fala e te olha de uma forma que te deixa constrangida.

Para os entrevistados assédio sexual é um conjunto de práticas indesejadas, com a intenção de abusivos, praticados de forma persistente.

3.4.2- Alunas que já sofreram assédio sexual na escola?

Aluno 1: já várias vezes pelos colegas e outras pessoas na escola.

Aluno 2 e 4: As vezes

Aluno 3 e 5: sim

De acordo os entrevistados, percebe-se que de uma forma ou de outra e estando nesta faixa etária não estão ilesos desta prática visto que, dos envolvidos no estudo já sofreram assédio sexual.

3.4.3- Procedimento dos/as alunos/as depois de sofrer o assédio sexual

Aluno 1: Falei com uma colega sobre o sucedido.

Aluno 2 e 5: Ignorei

Aluno 3: Lhe avisei para não fazer mais o que havia feito.

Aluno 4: Falei com os meus professores

Percebe-se que, os entrevistados já sofreram assédio sexual e que procuraram conversar com alguém sobre o assunto.

3.4.4- Ponto de vista dos/as alunos/as sobre as causas do assédio sexual nas escolas

Aluno 1: Alguns sentem-se já estar em condições de namorar.

Aluno 2: Muitas vezes estes colegas estão bêbados e querem brincar com as outras.

Aluno 3: Muitos destes colegas vem bêbados e drogados e ficam com ilusão dos outros ficam a chamar e a gozar com os outros.

Aluno 4: As vezes e a pobreza e quer estar com alguém para lhe dar dinheiro ou outra coisa de valor.

Aluno 5: Alguns é ilusão por estar no meio dos amigos, e já drogados.

De acordo os entrevistados, apontaram as seguintes causas do assédio sexual na escola: a embriagues, as condições financeiras, e o ilusionismo.

3.4.5- Impacto do assédio sexual no processo de ensino e aprendizagem

Aluno 1: O impacto é negativo visto que, me deixa constrangida.

Aluno 2: Me distrai e fico com medo de me deixar levar.

Aluno 3: Quando vem das pessoas que já estão drogados as vezes fico com medo de me defender apenas oiço e vou me embora.

Aluno 4: Já vi colegas que se deixaram levar e hoje é mãe de um filho.

Aluno 5: Prejudica na aprendizagem e as vezes pode levar a reprovação.

Para os entrevistados o assédio sexual tem um impacto negativo no processo de aprendizagem, visto que, as vítimas envolvidas muitas vezes não conseguem defender-se com medo sofrer uma violência e alguns ao se deixarem levar acabam por se envolver a ponto de conceber e tornar-se mãe tão cedo.

3.4.6- Opinião dos/as alunos/as sobre como combater o assédio sexual nas escolas

Aluno 1: Tem que se fazer mais palestras nas escolas sobre a violência sexual ;

Aluno 2: Os pais devem conversar muito com os seus filhos para evitar o assédio sexual;

Aluno 3: Os professores devem nos aconselhar muito visto que ainda estamos a estudar senão vamos nos desviar.

Aluno 4: Evitar fazer isso;

Aluno 5: A direcção da escola deve sempre falar com os alunos na parada sobre isso ou senão convocar os pais para queixar os colegas que fazem isso.

Pelas entrevistas feitas, percebe-se que os alunos têm noção do que se deve fazer para combater o assédio sexual nas escolas onde apontaram as seguintes estratégias: os pais devem conversar com os filhos sobre o assédio sexual; os gestores devem organizar palestras sobre o assunto e os professores devem conversar nas turmas sobre as consequências do assédio sexual.

3.5- Apresentação dos resultados da pesquisa em função dos objectivos específicos

A seguir apresentamos a discussão dos resultados da pesquisa em reflexão dos objectivos específicos traçados:

3.5.1- Identificar os factores que estão na base do assédio sexual nos alunos e professores do Complexo Escolar n.º 4015 - Boa Esperança, município do Cacuaco

De acordo ao primeiro objectivo específico, sobre os factores que estão na base do assédio sexual nos alunos e professores do complexo escolar n.º 4015 que de forma resumida identificou-se os seguintes: factores sociais, culturais, económicos e individuais.

3.5.2- Mencionar o impacto do assédio sexual nos alunos e professores do Complexo Escolar n.º 4015

Tendo em conta o segundo objectivo, os interlocutores apontam para um impacto negativo visto que, afecta directamente na relação com os colegas e na sua

aprendizagem o que pode vir a repercutir-se na sua reprovação em caso de gravidez precoce

3.5.3- Descrever as estratégias utilizadas para combater o assédio sexual no Complexo Escolar nº 4015-Boa Esperança, município do Cacuaco

De acordo a este objectivo aos entrevistados, apontaram para as seguintes estratégias para combater o assédio sexual na escola: a implementação de programas que inclui as palestras sobre a vida sexual; encontro com os encarregados e conversar com os alunos sobre o assunto e descrever as consequências.

3.5.4- Contribuir com sugestões para combater o assédio sexual Complexo Escolar nº 4015-Boa Esperança, município do Cacuaco

Para combater o assédio sexual, é necessário a criação de políticas e procedimentos que protejam as vítimas e previnam o assédio. Por outra deve-se apoiar a vítima e orientá-la a denunciar, promover uma cultura de respeito, treinar e capacitar professores para monitorar os alunos enquanto estiverem dentro da escola.

CONCLUSÕES

A conclusão deste trabalho se propôs a compreender o impacto do assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da 9ª classe, concretamente no Complexo Escolar n.º 4015, isto é, na Boa Esperança.

O assédio sexual na escolar é um problema no centro das preocupações actuais; tanto os responsáveis políticos como as equipas educativas estão conscientes da magnitude do problema e das consequências que o assédio pode ter na vida dos alunos.

Pôde-se constatar que o assédio sexual tem vários impactos negativos no processo de aprendizagem das alunas, a desistência por parte delas é o impacto mais grave, sem deixar para trás os traumas, os problemas que a aluna terá para se relacionar dentro da sala de aulas e o seu baixo aproveitamento académico. Além de criar um ambiente hostil e intimidador, o assédio sexual pode levar à ansiedade, baixa auto-estima e dificuldades de concentração nas alunas. Esses efeitos negativos interferem directamente na capacidade das alunas em absorver o conteúdo escolar, participar activamente nas aulas e desenvolver todo o seu potencial académico.

Os gestores escolares têm implementado diversas estratégias para mitigar os casos de assédio sexual e criar um ambiente seguro para seus alunos, como palestras sobre consentimento e limites pessoais, além de fornecer canais para denúncias anónimas.

No final da pesquisa, foi possível verificar que as alunas que sofrem o assédio sexual na escola não denunciam, por vários motivos tais como vergonha, medo e represálias.

Assim sendo, é de extrema importância que a escola disponibilize meios de comunicação e denúncias para que as alunas sintam -se protegidas pela escola no caso de depararem - se com casos de assédio sexual, protegendo a aluna de quaisquer represálias.

SUGESTÕES

Após a análise e interpretação dos resultados e as conclusões, sugere-se:

Aos gestores escolares:

- Que implementem programas de conscientização sobre o assédio sexual, destacando a importância do respeito e consentimento;
- Que ofereçam palestras regulares para alunos e funcionários, abordando o assédio sexual e fornecendo orientações sobre como identificar e denunciar casos;
- Que estabeleçam canais seguros e confidenciais para denúncias, encorajando as vítimas a se manifestarem sem medo de represálias;
- Que envolvam os pais e responsáveis no combate ao assédio sexual, fornecendo informações e recursos para que possam apoiar seus filhos;
- Monitorar e avaliar regularmente as medidas implementadas, buscando constantemente melhorias e ajustes para garantir um ambiente seguro e livre de assédio sexual na escola.
- Punir exemplarmente os assediadores;

Aos professores:

- Que orientem os alunos sobre sexualidade onde poderão ensinar sobre o corpo, consentimento e diferenças entre carinho e abuso;
- Que apoiem as vítimas, inclusive na coleta de provas e disponibilizar-se como testemunha;
- Que comuniquem a direcção da escola sempre que haver caso de assédio sexual na escola;

Aos alunos:

- Que denunciem a situação a um adulto responsável ou ao director da escola;
- Que informe o sucedido aos colegas ou pessoas próximas que possam ser testemunhas
- Que evitem ficar sozinho com o assediador já identificados;
- Que registem sempre os eventos em um diário como provas.

REFERENCIAS BIBLIGRAFICAS

Action Aid (2005). Pesquisa sobre a violência contra a rapariga na Educação.

_____. (2008). Manual de pesquisa: Não ao abuso sexual contra a rapariga na Educação.

Arthur & Cabral (2004). Essas gravidezes que embaraçam a escola, violação dos direitos das adolescentes. Publicado em outras vozes.

Arthur, Maria José (2003). Assédio Sexual e Violação nas Escolas. Recortes de Imprensa. Publicado em “Outras Vozes”, nº3, Maio de 2003, in www.wlsa.or.mz.

Baleira, Sérgio (2001). “Factors Influencing Violation of Child Rights, Prostitution and Child Sexual Abuse. A Case Study of Ressano Garcia”. Campaign against Child Sexual Abuse, p.22.

Barros, João Gabriel de & Tajú, Gulamo (2009). Prostituição, Abuso Sexual e Trabalho Infantil em Moçambique: O caso Específico das Províncias de Maputo, Tete e Nampula. Campanha Contra o Abuso Sexual de Menores. Terre des Hommes.

Barroso, F; Boecke, D. (2019). As Relações Assédio Sexual no Âmbito Universitário: A Dualidade entre Silêncio e Visibilidade dentro da Universidade Federal de Ceará. Apresentada na IX Jornada Internacional de Políticas Públicas.

Camacho, a. & Tavares, A. (2011). O Nosso Dicionário. Lu

Cunha, J. (2017). Assédio sexual no âmbito das relações laborais. Dissertação de mestrado, defendida no Instituto Universitário de Lisboa.

Da Silva, S (2017). Assédio Sexual no Trabalho: Perguntas e Respostas. In: Organização Internacional do Trabalho. Brasília.

Diaz, F. (2011), O processo de aprendizagem e seus transtornos. Salvador:EDUFBA.

- Dos Santos, M. C (2016). *Corpos em Trânsito: Um estudo sobre o Assédio sexual nos Transportes Coletivos de Aracaju*. (Dissertação de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão).
- Frade, A & Baldé, F. (2021). *Prevenção do assédio, abuso e violência sexual em meio escolar*. 3ª edição: Guiné Bissau.
- Freitas, Maria Ester. (2001). *Assédio moral e Assedio sexual: fases do poder perverso nas organizações*.
- Freixo, M. (2012). *Metodologia Científica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gil, C.(2002), *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 4 edição, São Paulo, editora,Atlas.
- Hirigoyen, M. F. (2010). *Assédio Moral: A Violência Perversa no Cotidiano*. Tradução: Maria Helena Kühner. 12 edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Janssen, D, (2016). *O assédio sexual? Professor e aluno*.
- Júnior, J. M. (2015). *Como escrever trabalhos de conclusão de curso*. 9ª Edição, Rio de Janeiro. Vozes.
- Libânio, J. C. (2006). *Educação escolar: Políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez.
- Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª ed. Atlas, São Paulo.
- _____. (2009). *Fundamentos de metodologia científica*. 8ª ed. São Paulo: Atlas
- Matavel, J. (2005), *Relatório de estudo sobre abuso sexual da rapariga nas escolas moçambicanas*. Maputo.
- Moraes, M. L. B. de (2015). *Metodologia de Pesquisa Técnica e Científica*, Rede e-Tec, Brasil.
- Morais, T. ; Múrias, C; Magalhães, M. J. (2014). *Assédio Sexual no Trabalho: uma reflexão a partir de ordenamentos jurídicos*, International Journal on Working Conditions, RICOT.
- Osório, A. (2010). *O estudo de caso como estratégia de investigação*.

- Osório, Conceição. (2005). O Abuso Sexual no Contexto da Construção da Sexualidade Feminina. Publicado em “Outras Vozes”, nº13.
- _____. (2007). A Socialização Escolar: Educação Familiar e Escolar e Violência de Género nas Escolas. Publicado em Outras Vozes, nº19.
- Santos, B. C (2008). Maus tratos e abuso sexual contra crianças e adolescentes: uma abordagem multidisciplinar. São Leopoldo: Contexto Gráfica e Editora.
- Santos, S. A. (2008). Assédio Sexual nos Espaços Públicos: reflexões históricas e feministas, Centro Universitário Santo André, Revista Histórias, Histórias, Brasília, Vol. 3, n.º 6.
- Save the Children (2003). Aprendendo sobre os direitos das crianças, Guia de orientação à família, escola e comunidade. Autora: Windyz B. Ferreira.
- _____. (2007). Proteger as Crianças. Atitudes Comunitárias em relação ao Abuso Sexual de Crianças nas Zonas Rurais em Moçambique. Maputo.
- Silva, P. (2003). A acção educativa: um caso particular: os dois difíceis de envolver no processo educativo escolar dos seus filhos. Lisboa Horizonte.
- Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2013). Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios. Pactor. Lisboa
- Teixeira, D., Nelas, P., Aparício, G., & Duarte, J. (2011). Atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico. In C. M. Albuquerque (Ed.), Comportamentos de saúde infanto - juvenis: realidades e perspectivas (pp. 429- 440). Viseu: Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu
- UNESCO, (2014). Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Schoolrelated gender-based violence is preventing the achievement of quality education for all, Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002321/232107E.pdf>> . Acesso em 3 de Março de 2025
- Vaz, J. (2006). Educação sexual na escola. Lisboa: Universidade Aberta.
- Vicente, J. G. (2012). Violação sexual de menores em Mocambique: impunidade ou defesa de tradição?

- Vilar, D., & Ferreira, P. (2009). A Educação Sexual dos Jovens Portugueses - conhecimentos e fontes. *Educação Sexual em Rede* , 5 , 2-53.
- Vilelas, J. (2009). A Influência da Família e da Escola na Sexualidade do Adolescente. Coimbra: Editora Formasau.
- Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L., & Silveira, P. (2005). Estratégias de Comunicação Familiar: A Perspectiva dos Filhos Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. São Paulo. Artmed
- Ximenes, Nestor (2017). Assédio Sexual nas Relações de Trabalho.
- Zabala, A. (2010). A prática educativa: como ensinar. São Paulo. Artmed.
- Zanella, L. C. H. (2009). Metodologia de estudo e de pesquisa em administração. Departamento de Ciências da Administração / UFSC. Florianópolis.
- _____. (2013). Metodologia de estudo e de pesquisa em administração. Departamento de ciências da administração / UFSC. Florianópolis.

APÊNDICES

GUIÃO DE ENTREVISTA DIRIGIDO AOS MEMBROS DA DIRECÇÃO

Para fins exclusivamente académicos, estamos a realizar um estudo sobre ***“Impacto do assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da 9ª classe do complexo escolar n.º 4015”***.

Desde já agradecemos a sua colaboração em ajudar-nos para o êxito desta pesquisa, e prometemos manter o sigilo nas suas respostas.

Sexo e idade:

- Feminino ☐ _____ anos de idade
 - Masculino ☐ _____ anos de idade
 - Nível académico Especialidade
 - Função
 - Tempo de serviço no cargo.....
1. O que entendes sobre assédio sexual.
 2. Quais são os factores do assédio sexual nos alunos e professores
 3. Poderia nos descrever algumas causas do assédio sexual nas instituições de ensino
 4. Qual é o Impacto do assédio sexual no processo de ensino e aprendizagem.
 5. Que estratégias são implementadas para combater o assédio sexual na escola

GUIÃO DE ENTREVISTA DIRIGIDO AOS PROFESSORES

Para fins exclusivamente académicos, estamos a realizar um estudo sobre ***“Impacto do assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da 9ª classe do complexo escolar n.º 4015”***.

Desde já agradecemos a sua colaboração em ajudar-nos para o êxito desta pesquisa, e prometemos manter o sigilo nas suas respostas.

Sexo e idade:

- Feminino ☐ _____ anos de idade
- Masculino ☐ _____ anos de idade
- Nível académico Especialidade
- Tempo de serviço na educação

Questões a aplicar.

- 1- O que entendes sobre assédio sexual.
- 2- No teu ponto de vista quais são os factores que estão na base do assédio sexual entre alunos e professores
- 3- Poderia nos descrever algumas causas do assédio sexual nas instituições de ensino
- 4- Como professor, qual é o Impacto do assédio sexual no processo de ensino e aprendizagem.
- 5- Que estratégias são implementadas para combater o assédio sexual na escola

GUIÃO DE ENTREVISTA DIRIGIDO AOS ALUNOS

Para fins exclusivamente académicos, estamos a realizar um estudo sobre ***“Impacto do assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem nos alunos da 9ª classe do complexo escolar n.º 4015”***.

Desde já agradecemos a sua colaboração em ajudar-nos para o êxito desta pesquisa, e prometemos manter o sigilo nas suas respostas.

Sexo e idade:

- Feminino ☐ _____ anos de idade
- Masculino ☐ _____ anos de idade

Questões a aplicar.

- 1- O que entendes sobre assédio sexual.
- 2- Já alguma vez sofreu assédio sexual na escola?
- 3- Qual foi o teu procedimento diante deste disto?
- 4- No teu ponto de vista, quais são as causas do assédio sexual nas escolas?
- 5- Como aluna/o, qual é o Impacto do assédio sexual no processo de ensino e aprendizagem?
- 6- O que pode se fazer para combater o assédio sexual nas escolas?

ANEXOS